



Livraria Imperial

Compra-se livros usados
paga-se bem e atende-
mos a domicilio

Alfredo F. Lage

RUA SÃO JOSE' 61

Tel. 22-8631 - Rio de Jan.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



OS MYSTERIOS.

OS MYSTERIOS.
CANTICO FUNEBRE

A MEMORIA
DE MEUS FILHOS,

POR
D.-J.-G. DE MAGALHAENS.



PARIS.
RIGNOUX, IMPRIMEUR,
rue Monsieur-le-Prince, 31.

—
1858

AOS PAIS

QUE PERDERAM OS FILHOS.

Tristes pais , tristes mães , a quem a morte
Os dias enluctou , ímpia roubando
Os caros filhos , que chorais ainda ;
Em vós me vejo , e como vós carpindo ,
Aos vossos coraçãoes meus ais , meu pranto ,
Com estes carmes funebres envio .
Commigo meditai nesses mysterios
Da existencia fugaz , farta de dores ,
Balda de bens , si a fé não vem doural-a .
Ah possa a fé seccar o pranto vosso ,
E mostrar-vos no céu os caros filhos .

MYSTERIO I.



A MORTE.

MYSTERIO I.

A MORTE.

Pobre pai ! pobre mãe ! Junctos choremos.

Nossa sorte é cruel !

O céo assim o quiz ! Junctos traguemos

Mais este acerbo fel.

E não bastava ao céo ter-me roubado

Esse filhinho meu ,

Primeiro fructo de um amor sagrado,
Que elle mesmo accendêo !

E não bastava aq coração paterno
Essa terrivel dor,
E ao peito maternal o espinho eterno
Co'a perda desse amor !

Ainda mais , oh céo , o outro filhinho ,
O meu segundo, e só ,
E só p'ra tanto amor, o meu anjinho ,
Tomar-m'ò tu sem dó !

E tendo com tal golpe lacerado
Os coraçõens dos pais,
De novo o céo mostrou-se apiedado
Aos nossos tristes ais.

As extinctas imagens imitando ,
N'um ente as reunio ;
E essa copia dos dous, a nós mandando ,
Suave nos sorriso.

Com elle renascêo o amor da vida
Em nossos coraçõens ;
Com elle resurgio a paz perdida
Com novas illusoens.

Parecia que o céo se comprazia
Em nos ver exultar ,
E nesse rosto angelico se abria ,
P'ra mais nos fascinar.

O céo nos illudio!... Novos tormentos
Foi tudo o que nos dêo!

Essa vida exgotou-se em sofrimentos...
Até que enfim... morrêo!

Oh desesperação!.. Quando eu cuidava
Que o mal ia acabar;
Que da morte meu filho triumphava;...
Eu o vi... expirar!

MYSTERIO II.



LAMENTAÇÕES.

MYSTERIO II.

LAMENTAÇOENS.

Quantas vezes , após o horror das trevas ,
No monótono gyro o sol passando ,
Deixou de novo em lucto a terra envolta !
E ainda eu choro !.. e minha dor renasce
Co'a luz da aurora , e o negrejar da noite !

Ai, negras todas minhas horas cõam
N'um quadrante fatal, que uma só marca!
E um leito, um corpo, um tumulto só vejo!
Um corpo!... o filho meu!... o meu filhinho,
De graças naturaes caro thesouro,
Qu'eu zeloso em meus braços suspendia.
Esperanças, porvir, dourados sonhos,
Afangos infantis, amor de um Anjo,
A doce vida, qu'eu vivia nelle,
Tudo me dice adeos n'um só sorriso,
Nesse sorriso ironico da morte,
Que impresso lhe ficou nos frios labios,
Onde suave outr'ora se expandia
Sua alma em ternos sons, que enfeitiçavam.
Vasio o leito jaz, feixada a campa;
Mas esse corpo se me antolha sempre,
Como mimosa, alabastrina imagem,

Que a vida que fugio-lhe está pedindo
Com mestos olhos para o céo voltados.

Alí ! meus férvidos beijos, meus amplexos,
Minha ávida vontade, meus transportes,
Meu anhelito ardente não poderam
Deste peito arquejante o vital sopro
Passar-te, oh filho, e revocar-te essa alma,
Em que minha alma prelibava um mundo
De mil venturas p'ra meus velhos dias,
Que hoje tão tristes me annuncia o fado.

E assim o Auctor da vida, alheio aos males
Dos filhos, p'ra soffrer no mundo expostos,
Tantos cuidados paternaes premeia!
Ai ! tudo é vão !.. Assim compensa as dores,

Dores crueis das maternas entranhas!
Afans. vigílias, susto, extremos, ancias,
Tanto excesso de amor,... tudo perdido!
Tudo illudido n'um fatal momento,
Incerto, inesperado!.. Oh vida! Oh morte!
Oh mysterios do ser, flagellos do homem,
Entregue a tanto engano, ao desamparo
Neste enredo de espectros transitorios,
Chorando, transviado ao palor vago
De fatua luz, que lhe agiganta as sombras,
E mais lhe avulta o horror da escuridade.

Oh forçosa irrisão! Sonho funesto!
Ironia cruel!.. De quem?.. Quem me ouve
Agora blasphemar, si é que blasphemo?
Que olho eterno me vê? Que ouvido occulto
Se dóe das queixas do infeliz proscripto,

Que os céos invoca em vão, em vão se afana
Por lei fatal em lastimas inuteis;
Como em roto baixel, que se submerge,
Exausto passageiro nada espera.

De que me serve agora no infortunio
A voz interior, que alto bradava
Em dias esmaltados de ventura;
Como canoro passaro, que á aurora
Ledo gorgêa, e mudo jaz nas trevas?
Ah! falla-me, oh Rasão! É no naufragio
Que animadora voz, por entre as vagas,
Em seguro batel, do porto amigo,
Vem trazer a esperança ao peito afflicto
Da victima infeliz da tempestade.
Resôe a tua voz consoladora
Ao travez deste funebre susurro
Dos gemidos, dos ais da natureza.

Porque tão longo pranto?... Aos olhos demos,
Ja mortos de chorar, breve repouso;
E ao coração, ai misero, que geme
Na dor profunda em que se abysma anciado,
Demos tambem o acerbo linitivo
Do afflicto discorrer; falaz consolo
Que perpetúa a dor, n'alma embebendo-a
Co'a triste idéa, que a penetra e punge.
Assim te quero, amargo refrigerio!
Eterna seja a dor, porém eterno
No pensamento meu dure meu filho,
Em quem mais dous eu cria ver revivos,
Como si uma só alma tenra e pura,
Por dous corpos passando successivos,
No terceiro a meus olhos renascesse.

Grata illusão do paternal affecto!
Fugiste-me tambem! — E a realidade,

Eil-a — très corpos que consome a terra!
E très golpes mortaes nos seios d'alma!

Eis a herança, eis os bens que o céo piedoso
Jamais aos homens nega, — a dor, e a morte!

Oh lagrimas, correi!... Impio é tal fado!
Martyrio é o viver!... Mas si ao Eterno
Da dor os gritos, e o alarido aprazem,
Soffra, murmure a natureza escrava;
Evapore-se a vida em sons queixosos;
Tétricas nenias, oh minha alma, exhala,
Que vão chorar, gemer em seus ouvidos,
E fartal-os co'a horrida harmonia
Dos lamentos, dos ais da creatura.

E piedoso é o céo, porque termina
Co'a morte a dor da vida! transmittindo

A sempiterna dor de pais a filhos ,
De uma idade á outra idade ; e transplantando-a
De quem morre aos que ficam p'ra choral-o ?
E quando em torno ao nosso inerte expolio
Saudosos coraçõens nos prantearem ,
Invejando essa paz que ostenta a morte ,
Quem sabe, oh céo, que dolorosa herança
Tua immensa piedade nos reserva ,
Alem dessa mudez mysteriosa ,
Que envenena a esperança , e a fé regela ?
Quem sabe si esta dor, que o homem segue
Do berço á sepultura , alem o aguarda ?

Quero aprazer-te, oh céo ! Gratas te sejam
Minhas lamentaçõens. Ao homem deste

A vida para a morte ; o sentimento
Para continua dor ; a liberdade
Para tornal-o réo ; e a intelligencia,
Luz vacillante em trevas envolvida ,
Para em vão exgotar-se em vans chimeras ,
Sem jamais penetrar os teus arcanos
Do ser, e do não ser; da origem sua ,
E do destino seu. Oh céo, exulta !
Intactos permanecem teus mysterios ;
A tua creatura nasce, e chora,
Soffre, del'ira, vocifera, e morre !
Escravos somos teus para exaltar-te
Co'a nossa humiliação. Teus dons gratuitos,
Esses pesados bens que nos flagellam ,
O nada, si podesse, os recusára.

Quem t'os pedio, oh Deos ? Onde é que achaste
A vida, a intelligencia, a dor, e a morte

Para constituir o ser humano?
Como, enchendo o universo de prodígios,
Mil mundos pelo espaço semeando,
Em teu alto saber crear podeste
O homem para a dor, para a desgraça,
Para victima ser, ou ser tyranno,
Ludibrio sempre de paixoens que o illudem,
Do mundo exterior, de si, de tudo?!
Talvez da criação no luxo immenso,
Para do teu poder sellar a força,
Elementos oppostos reunindo,
Quizeste produzir um ente absurdo?

Poder eterno e soberano, acaso
Nada deves ao homem, que formaste
Para invocar teu nome, e achar-te surdo
Nas suas affliçoens? Para adorar-te

Sempre occulto, e a mercê de herdadas crenças ?
Para amar-te, e soffrer ? E agradecer-te
Os golpes com que o feres, sem carpir-se ?

Por lei mysteriosa uma alma e um corpo
Em discorde consorcio vinculando ,
Formaste o ente infeliz , que homem se chama ,
A propria intelligencia extranho enigma ,
E a trabalhos sem fim o condemnaste ,
Em lucta assidua , interna... A dura terra
Sem o humano suor nega-lhe os fructos ,
Que alluvioens de insectos lhe disputam ,
Ou prematuros a saraiva os rouba.
Aqui , vibrando o sol ardentos raios ,
O abrasa, o prostra; e lhe resica, e torra
Os campos qu'elle arou, ermos deixando-os.
Alli, aguas do céo , aguas da terra ,
Das nuvens e dos montes despejadas ,

Em torrentes contra elle se conspiram,
Arrasando-lhe os lares, e as seáras.
Como um sopro do inferno surge a peste
Dos exicios da infecta natureza,
E corrompendo os ares que devassa,
Vai matando a milhares pais, e filhos
De cidade em cidade; á toda parte
O lucto, o pranto, a dor atroz levando !
Zunindo em turbilhoens irados ventos
No mar, na terra rabidos o assaltam !
Debaixo de seus pés a terra treme;
O trovão o amedronta; o raio o fere,
E os elementos todos congregados
Por mil formas a morte lhe propinam !

Oh misero mortal ! que parte inerte
Teus em teu debil corpo, que não sinta
O acicate de um mal ? Que fibra occulta

Tens em teu coração, que a dor não vibre ?
Que pensamento n'alma puro afagas ,
Que penas te não custe ? Que desejos ,
Que instinctos , que paixoens as mais suaves
Que magoas te não dêem ? E que virtude
De tão grandes tormentos te liberta ?
E desse teu viver martyrisado
Qual o premio a final ? — Somente a morte !

Para o seu Creador o ser que pensa,
O homem, que a Deos seu pensamento eleva,
Que em seu curso veloz os outros pesa,
Não vale mais que a secca, inutil folha
Que do tronco caño, do outono ao sopro,
Nem mais que o verme que rasteja a vida,
E o pó que em turbilhão os ares rolam !

Para quem te conhece o que és, oh terra?
De crimes infernaes arena infame,
Campo sangrento de crueis batalhas,
Onde milhoens de autómatos escravos,
A voz de um louco, e á espada obedientes,
Contra iguaes, vivas machinas lançados,
Em medonho holocausto matam, morrem,
Instrumentos brutaes de alheas iras.

O que és, oh terra? — Um charco tenebroso,
Onde da pudridão mil larvas surgem,
E a pós confusas, renovadas scenas
De odio, de amor, de insania, e vis instinctos
Em vortice perene ao lodo voltam,
Deixando apenas por legado aos evos
Desse drama irrisorio o obscuro enredo,
Que expectros novos sem cessar repetem.

O que és, oh terra? — Um vasto cemiterio,
Furna de vicios, carcere das almas,
Reino caduco de illusorios seres,
Delubro infecto consagrado á morte.

Alma innocente que eu amei, que eu amo,
Chorando a tua perda; oh caro filho,
A que vieste á terra, que deixaste
Antes de conhecel-a? O que aprendeste?
Que missão era a tua? — Que virtudes
Vieste exercitar, para que o premio
Eterno merecesses? — Sem destino,
Sem que o soubesse Deos nasceste a caso,
Como em vergel, que o dono desleixára,
Brota expontanea a espurea, inutil herva?
Ou imprevista salteou-te a morte,
Antes do tempo, como a flor mimosa

Ainda em botão , mordida pelo verme ,
Máo grado o jardineiro , murcha e morre ?

Depende então do acaso a vida , e a morte ,
E ao seu acontecer é Deos esíranho ?
Ou phases são do ser que se transforma
Em momento previsto , imprescriptivel ,
Por sabia lei de uma Rasão eterna ?
Então porque ao teu surgir ao mundo ,
A voz primeira pela dor soltando ,
Como quem de algum mal presente o annuncio ,
Expontaneo prazer a alma inundou-me ,
Como si a mim , e a ti , dilecto filho ,
Nos concedesse o céo ventura eximia ?
Porque , deixando agora a terrea crosta ,
Sem que da vida te manchasse o lodo ,
Como mimosa perola extrahida
De rude concha vai brilhar n'um throno ;

Porque, máo. grado a Fé, que eterna vida
No descanso dos Anjos te promette,
Devo eu chorar, carpir, como si a morte
Um grande bem p'ra sempre te roubasse?
Que bem ! Esse soffrer que vida chamam
Na dos homens lingoagem mentirosa,
Com que se douram com pomposos nomes
Tantas miserias, e nefandos crimes !

Ah ! como esse prazer que então sentira,
Esta afflicção agora, esta amargura,
Novo meio de engano, algum mysterio
Nos encobre talvez !... A Natureza
É toda uma illusão mysteriosa,
Uma falsa harmonia dos sentidos
Anteposta á Rasão, afim que o homem
Raiar não veja da verdade a aurora
Sem merecel-a em doloroso carcer.

O que é da vida o instinto ?— Um laço occul
Com que a enganadora Natureza
Obriga o escravo a supportar seus ferros,
A curvar-se, a gemer sem libertar-se
Da desgraça e da dor, antes dessa hora,
Final hora, fatal como a primeira,
Ambas prescriptas por sentença eterna.

O que é o amor ! — Um apprasivel dolo,
Um sorriso embusteiro, um artificio
Com que a lei da existencia transitoria
Faz que nós mesmos, victimas ignaras,
Em torno a nós a dor perpetuemos,
De pais a filhos transmittindo o germen
Deste terreno, tormentoso exilio.

E a esperança, o que és tu ?— Continuo engan
Sonho fagueiro do infeliz que dorme;

Nuvem dourada, que a desgraça encobre
A' mente espavorida; tredas flores
Na fauce de um abysmo; falso lume
Que attrai o nauta errante ao escolho occulto.

Poder, gloria, prazeres?... ah falsarios
Conselheiros são elles ! Instrumentos
De vicios e de crimes, com que a morte,
Variando escondida a forma e os meios,
Ceifa mais prompta faz na insana raça,
Que assim corre a seu damno, e cega exulta,
E escrava incensa esse poder que a esmaga,
Canta essa gloria que o seu sangue rega,
E afaga esses prazeres que a envenenam.

Ah quanto engano, Oh Deos ! E tu te occultas
Para mais completar miserias tantas,
Deixando a terra entregue a estranhos mythos !

E vãos phantasmas de cruentos deoses ,
Infame raça de Saturno, e Siva ¹ ,
Em feras seitas dividindo os homens ,
Só pedem sangue, e horrendos ho'ocaustos !
E quando um Deos de paz amor nos brada,
Guerra, e fogo nos bradam Torquemadas ² !
Assim para os mortaes mesmo a verdade
É da morte instrumento, e do martyrio !

Deos! Oh Deos! vem a mim! Teu nome invoc
Como uma luz no tenebroso enredo,
Que me envolve a razão. Falla, esclarece
De uma vez este symbolo tremendo.

Natureza! phantastico reflexo
Da Eterna Idéa aos humanaes sentidos ;
Seductora illusão, imagem vaga ,

Que me occultas o ser, qual uma nuvem
O brilho do teu sol esconde ás vezes;
Espectro enganador, some-te, vai-te
Com tudo quanto é teu; sol, lua, estrellas,
Céos, mares, e terra, aves, e flores;
Vai-te dos olhos meus, que se feixaram
A's tuas sombras vans. — Só Deos procuro,
Procuro o Eterno Ser, por quem só vivo,
Por quem de espanto a mente extasiada
De balde enterrogou-te dia, e noite;
E tu m'occultas como um véo sombrio
Estendido ante á sua magestade.
Fontes de tanto engano, oh meus sentidos,
Da finita apparencia creadores,
Deixai-me penetrar a realidade,
Que o testemunho vosso encobre, e nega.

Por vós as flores pelo ar beijadas

Effluvios odoríferos exhalam ;
Por vós sôam no tempo aéreas ondas
De gratas vibraçoens, que a alma harmonisa:
Por vós em turbilhoens no espaço rolam
Essas cores, que a luz, effeito d'alma,
Parece reflectir; mas luz e cores,
Ar e sons, cheiro e flores, tudo é sonho,
Signal apenas que uma Força existe,
De infinito poder, que tudo cria.

Mas eu sonho não sou;... não o é quem sonha!
Quem te enterroga, e tuas leis recebe
Co'a divina rasão, que te revela.
Causa Eterna, oh meu Deos! eu te descubro
Dentro, e fora de mim. — Mas não comprehe
A vida transitoria, a dor, a morte
A que máo grado meu tu me condemnas.
Si a vida é punição, si é d'alma o exilio

Temporario n'um mundo de apparencias ,
Um delirio , ou visão expiatoria ;
Si é do ser livre a necessaria arena ,
Da virtude ao triumpho consagrada ;
A morte então será do mal o termo ?
Da lucta assidua a triumphal corôa ?
D'alma a revocação à eterna vida ?
Deos ! si assim é, assaz luctado tenho ,
Cançado estou ;... revoca-me, la onde
Meu pai me espera, minha mãe, meus filhos.

MYSTERIO III.

RECORDAÇÕES DOLOROSAS.

MYSTERIO III.

RECORDAÇÕES DOLOROSAS.

Tu choras, triste mãe inconsolável ?

Choras o filho teu ?

Ah! pobre mãe! esposa inseparável,

Une teu pranto ao meu.

Esta morte três mortes te apresenta,
Que viste como eu vi!
Mas ella para mim é mais cruenta;
Quantas vi eu sem ti!

Esta morte mil dores reavivando
Me quebra o coração;
Meus páis, irmãos, e amigos expirando
Agora aqui estão.

No seu leito de morte agonisante
Ouço meu pai gemer;
E das scenas do seu fatal instante
Não me posso esquecer.

Ja declinava a noite; e despontava
Da aurora um triste albor;

E meu pai como estasi abraçava
A cruz do Redemptor.

Nestes braços o vi. Estremecendo ,
Olhos p'ra o céo volvêo :
Filhos!... Esposa!... Adeos!... E isto dizendo
Meu terno pai — morrêo.

E a lagrima do adeos no passamento
Dos olhos lhe rolou ;
E sua alma ao saír co'o extremo alento
Como que vendo-a estou !

E qual ficou seu corpo frio e mudo ,
Mudo e frio fiquei !
Como que um vêo de trevas cobrio tudo ;
De nada mais eu sei.

Olhos fitos, a bocca semiaberta,
De pedra o coração;
E minha alma ficou como deserta,
Sem corpo, e sem paixão.

Deixaria no instante malfadado
A habitação de pó ?
Não sei; mas despertando, achei-me ao lado
De um cadavér, eu só.

Então ouvi um echo agonisante,
Um funebre ulular.
Eras tu, minha mãe; e nesse instante
Comecei a chorar.

E tudo um sonho máo me parecia,
Um deserto sem fim,

Uma illusão sinistra, uma ironia,
Um pesadelo ruim.

Depois a ti liguei-me ; e a mãe saudosa ,
A patria, e irmãos deixei ;
E vim contigo errar, oh cara esposa ,
Por onde outr'ora errei.

E a voz da morte atravessando os mares
Me veio a dor trazer,
Dos bens perdidos nos saudosos lares ,
Que me viram nascer.

Ah possa eu ir chorar sobre essa terra
Que cobre os corpos seus.
Minha mãe , meus irmãos, ella os encerra ,
E espera os ossos meus.

Suas sombras aos olhos meus chorosos
Presentes ora estão ;
E dias me recordam mais ditosos ,
Que não mais voltarão.

Dessas horas mais calmas a lembrança
Não attenúa a dor.
Com a luz que fugio vai-se a esperança
Das trevas neste horror.

Agora , triste esposa , só contigo ,
E esta filhinha só ,
Com terror entre nós vejo um jaziço ,
Vejo da morte o pó.

Nesse cruento pó, ah ! quem primeiro
De nós se irá deitar ?

Mais infeliz será o derradeiro,
Que mais tem que chorar.

Ah chora, infeliz mãe, chora; e teu pranto
Deixa solto correr.

O amado filho nos amava tanto...
Choremos té morrer.

Choremos té morrer; que cada instante
Póde ser o fatal.

A folha que la vai ao vento errante
É da morte um signal.

Morte nos diz a noite, morte a aurora,
Morte o relógio diz;
E o bronze sepulchral, que um morto chora,
A morte nos prediz.

MYSTERIO IV



○ LETHARGO.

MYSTERIO IV

● LETHARGO.

Momentaneo deliquio dos sentidos ,
Somno talvez , após longas vigílias ,
Deixou minha alma repousar. Que digo ?
Deixou-a apenas variar de imagens,
Em novos pensamentos envolver-se,
Sem dar descanso á mente, toda absorta
No acerbo discorrer; qual branda aragem ,

Em céu turbado, ao transmontar da tarde,
As luctuosas nuvens revolvendo,
Novas formas lhes dá, sem dissipal-as ;
Ou como o véo da noite, que encobrimdo
Esse matiz, que o sol á terra empresta,
Deixa no céu brilhar mais almos cirios.

Foi um lethargo, — não do ser que pensa,
Mas do externo sentir. — Sombra da morte,
Que invade o seu dominio, e d'alma o alhêa,
Como para ensaial-a pouco a pouco
A extremar-se da terra, e revelar-lhe
Da posthuma existencia o abstruso arcano.
Assim ao preso, na masmorra escura,
Por entre as sombras de enredados ferros,
Deixa ás vezes piedoso carcereiro
Froxo raio de luz entar furtivo,

Prematuro penhor de liberdade ,
Que preliba em silencio o encarcerado.

Para um longo soffrer o céo formou-nos ,
Pois que o somno nos dêo ; esquecimento
Do mal passado , que restaura as forças
Para fadigas e tormentos novos.

Assim esses da terra impios tyrannos
Parco sustento ás victimas concedem,
Para co'a vida as dores prolongar-lhes.
Mas si o somno nos é da morte imagem ,
O sonho o que será ? — Um previo annuncio
Do futuro viver alem da campa.

Céos! que vi eu ? Quem dera que o meu sonho ,
Essa interna visão , qu'eu não pensara,
Fosse como uma imagem reflectida

Da suspirada , eterna realidade ;
Um divino conselho , uma promessa
Ao ente que a recebe , e que não sabe
Como vê , como crê , porque duvida.

Ah ! não se apaguem na fugaz memoria
Essas revelaçoes , talvez celestes.

MYSTERIO V.



A VISÃO.

MYSTERIO V

A VISÃO.

Sobre um penedo asperrimo sentado,
Em alta região eu só me via,
Como por um tufão alli alçado.

Argentia luz no espaço alvorecia,
Não emanada de terrena esfera,
Mas de um immenso sol, que tudo enchia.

Ao longe em negro mar estranha fera,
Da terra imagem, horrida bramava,
Ea bocca era de fogo uma cratera.

Sorvia o monstro as ondas, e as lançava
Em figuras diversas transformadas,
Pela chamma interior que as rescaldava.

Essas figuras todas mal forjadas
Iam depois nas aguas diluir-se,
Seguidas sem cessar de outras manadas.

E desde o seu nascer ao submergir-se
Todas em uma voz iam bradando :
Engano ! dor ! e morte ! — Até sumir-se.

Então no tempo um echo rebramando
Ouvi eu que dizia : — Cesse tudo
Quanto o espaço formou de Deos ao mando. »

E tudo a essa voz immovel , mudo
Alli se aniquilou. A interna flamma
Da fera a devorou, e o mar sanhudo.

E dessa combustão a escura chamma
Extinguio-se tambem ; e aquelle espaço
Foi-se com todo o seu horrivel drama.

Do meu corpo eu não via o menor traço ,
Mas eu estava alli ; tudo eu sabia ,
E attingia sem dor , sem embaraço ;

A compasso de angelica harmonia
Vi mil mundos surgir, e collocar-se
Em torno ao sol, que em todos transluzia.

E após de mundos mil, e mil gerar-se
Na amplidão luminosa transparente
Sem jamais essa luz assombrar-se,

Apparecêo em todos de repente,
Qual rapido relampago que passa,
De almas puras immensa, infinda enchente.

Era a resurreição da humana raça
Na sua essencia divinal, etherea,
Triumphante da morte, e da desgraça.

Livres as almas da visão aérea,
De sentidos mortaes mera apparencia ,
O nada conheciam da materia.

E na mente de Deos , na eterna essencia
Que é do tempo e do espaço a Realidade ,
Ser teem ellas , e propria consciencia.

Eu concebiam então essa verdade ,
Que agora me parece transcendente ,
Depois que me acordei na falcidade.

Como sem corpo estão na humana mente
As idéas, que vivem na memoria ,
Assim tudo alli stava a Deos presente.

Oh bemaventurança, e immortal gloria
Dessas almas que estão sempre cantando
Da eterna criação a eterna historia !

O meu olhar por ellas dilatando,
Sem poder computar e innumeravel,
Como que as via todas ir passando.

E nesse puro espaço immensuravel,
Um grupo vi; e de prazer immenso
Fiquei só vendo o grupo veneravel.

Oh meu pai! minha mãe!.. De amor suspenso
Quiz segui-os... Mas ah ! um trêbrando gesto
Fez-me lembrar que á morte inda pertença.

Tremi de horror a tão fatal aresto !
Conduídos meus páis me abençoaram ,
E alli fiquei sosinho , immovel , mesto.

Tão grandes afflicçoens me assoberbaram ,
Que já n'um corpo me sentia preso ,
E lagrimas de sangue me regaram.

Oh mundo que conheço , e que desprezo ,
Bradei , que inda tu devas illudir-me ,
Quando , longe de ti , me cria illeso !

E é força a ti voltar para carpir-me ,
Para que ainda possas profligar-me ,
Até que venha a morte redemir-me !

E desde geito estando a lastimar-me ,
Como do asylo um profogo expellido ,
Que aos ferros volta, ouvi alguém chamar-me.

Não era um som estranho ao meu ouvido ;
Era um trio de accents argentinós ,
De vozes infantis um côro unido.

Eu absorto attendendo aos sons divinos,
No céo , em nuvem rosea, vi parados
Très mimosos , angelicos meninos.

Meus filhos ! Oh meus filhos tão amados !
De um puro e sancto amor ternos penhores ,
Tão caros á minha alma, e tão chorados !

Compadecêo-se o céo das minhas dores !
Vinde de novo, oh filhos, a meus braços,
Vinde ao meu coração, oh meus amores !

Por vós esperam maternaes abraços.
Vinde, que á triste mãe quero levar-vos,
E com vosco apertar da vida os laços.

Vinde; e si amais o céo, eu posso dar-vos
Na terra um céo de amor. Vinde, que a vida,
Com esse immenso amor, ha de agradar-vos.

E quando assim minha alma enternecida
Em caricias e preces se exhalava,
A sonhada esperança era perdida!

O meu primeiro filho me deixava,
Ia o segundo após; e eu ancioso,
Todo convulso p'ra o terceiro olhava.

Elle calmo, solemne e mavioso,
Assim fallou-me como um ser divino :
« Não chores mais por nós, pai extremoso.

Grato recebe o piedoso ensino
Do que só vês co'a tua intelligencia;
E vai cumprir na terra o teu destino.

Tanto a virtude apraz como a innocencia
Ao Eterno, cujo amor á creatura
Só é igual á sua omnipotencia.

De uma virtude só a formosura
Mais satisfaz a Deos do que a belleza
Da submissa, cideria constructura.

O Creador se exalta na firmeza
D'alma livre que o ama, e contrastada
Resiste á dor, e á infensa natureza.

Mas eterna é a gloria reservada
Ao forte luctador, que magnifica
A potencia que foi-lhe confiada.

Pela lucta com o mal se purifica
A livre creatura, a Deos tão cara,
E a presença do mal se justifica.

Lucta, espera; que Deos não desampara
Os caros filhos seus. Ah soffre ainda;
Que o mysterio da vida a morte o aclara.»

Assim aquella voz do céu só vinda,
Nos labios de meu filho resoando,
A alma me enchia de alegria infinda.

N'um extasi de amor me fui alçando,
E meu filho abracei. Elle em meus braços
Deixou cair seu corpo desmaiando.

A alma esquivou-se aos meus ternos abraços,
Como para ensinar-me a respeitá-la,
E não cingil-a com terrenos laços.

E eu súbito fiquei frio , sem falla ,
E alli morto caí. — Mas essa morte
Foi o meu despertar para esperal-a,
Até que ao céo minha alma se transporte.

MYSTERIO VI.



A CONSCIENCIA.

MYSTERIO VI.

A CONSCIENCIA.

Meu filho eu vi ! Que importa em sonho fosse !
Sonhasse eu sempre assim ! Eu vi-o , é certo ,
Quando da luz na ausencia, o mundo em trevas,
Meus olhos em pesados véos envoltos,
Nenhuma image exterior podia
Da visão penetrar o escuro adito.
Eu ouvi sua voz , reconheci-a ,

E a memoria fiel o testemunha,
Quando, surdo ao rumor da natureza,
Nenhum echo vibrava os meus ouvidos.
Eu seu corpo abracei; da morte o frio
Gelou-me o coração; caí com elle;
Quando meus braços languidos jaziam,
E o corpo immoto, entregue ás leis da vida,
A' interna agitação não se prestava,
Em tudo estranho a mim, como a si mesmo!

Assim, phantasma vão, corpo indolente,
Posso pensar sem ti, querer, mover-me,
Aos céos alar-me, discorrer co'os mortos,
Sentir e perceber, sondar mysterios,
Quando, do meu poder sombra importuna,
No teu nada te esváes, e só me deixas
Livre alargar do meu saber o imperio;
Como das cinzas separado o fogo

Livre flammeja, e sua luz derrama !
Corpo mortal, estúpida materia,
Ah! de ti não depende a essencia minha.

Como o rio que corre, e se renova,
Só pelo alvêo o mesmo parecendo,
Tal do corpo desliga-se a materia
Ao travez d'esta forma, á que se amolda,
Imagem que lhe impõe da vida a força.
De instante a instante se renova o corpo;
Quantos já eu gastei! E eu permaneço,
E identico perduro, e penso, e quero.
Eu o rio não sou, o alvêo, a forma;
Sou o dono, o Senhor, que a posse herdára.
Cego, instrumento vil, rebelde á vida!
Posso existir sem ti, deixar-te posso,
E alem da campa erguer-me á Eternidade!

O que é sonhar? — É ver ; é ter certeza
Que posso ver sem corporaes sentidos,
Deixar de ver o que real parece,
E ver como real o que é possível.

Quando a interna visão , do corpo extreme,
Esta certeza salutar confirma,
Que eu não sou da materia occulto moto,
Muito o sonho me diz ! — Que outra certeza
Mais veraz competir póde com esta ?

Oh sonho meu , revelação divina !
Oh alma pura de meu caro filho !
Não me illudiste , ah não ! — No céu me esperas.

MYSTERIO VII.



A DUVIDA.

MYSTERIO VII.

A DUVIDA.

Duvida atroz, cruel, que ante mim surges
Como um phantasma da verdade ao lado!
Que luz procuras tu, que te aniquile,
Como esse insecto que accommette a chama?
Ah! quanto mais intenso o sol fulgura
A' face nossa, deslumbrando os olhos,
Mais negra após nos acompanhada o sombra!
Tormento d'alma, condemnada ao erro!

Temor continuo de imprevisto engano !
Da sciencia implacavel companheira ,
Oh duvida , que á fé o encanto roubas ,
E me vens perturbar a doce crença
Que a celeste visão deixou-me n'alma !
Com que luz infalivel póde o homem
O teu espectro fulminar p'ra sempre ?
Que verdades me dão estes sentidos
Que nem dos actos seus a leis conhecem ?
Mas a razão ? — Ah sim ; ella descobre
Ao travez da apparencia a realidade ,
E da crença os phantasmas assoberba !
Ella ao passado sua luz devolve ,
Esclarece o presente , e o véo penetra ,
Que aos olhos nossos o futuro encobre.
Sciencia humana e audaz , tu que a verdade
Livre procuras , vem , dize o que sabes ,
Tira-me do erro , a duvida dessipa.

A Philosophia.

Ah! tu sonhaste! E como crer n'um sonho?
Nesse enredo phantastico de idéas,
Resûrgidas do abysmo da memoria,
Como larvas da morte revocadas,
Que se ordenam por sí, e se encadeam
Ante um ser impassivel, condemnado
A ver em seu repouso, envolto em trevas,
Esses fatuos signaes passar incongruos.
Como os olhos, que intenso sol ferira,
Mesmo feixados vêm vagar no espaço
Multicores imagens luminosas
De extinctas impressoens sentidos restos.

Eu.

Como! Pois expontaneas as idéas
Se encadeam por sí? Que estranha especie

De entes vivos são ellas, que em mim vivem,
E sensiveis aspectos assumindo,
A uma falsa visão a mente obrigam,
Sem que as repilla d'alma a livre força,
E alli mesmo a rasão as contradiga?
Si no meio de escura galleria
Visse alguém de repente illuminar-se
As pintadas figuras, e avultadas,
Animar-se, e surgir dos lizos quadros,
Mover-se, e discorrer, casos narrando
De uma estranha, phantastica existencia;
Oh que de certo maravilha fôra!
Espantoso prodigio !.. Mas não menos
Estupendo milagre me parece
Que essas idéas minhas, por si mesmas
Das trevas da memoria se levantem,
Ou dos quadros da obscura phantasia,
E, de formas reaes se revestindo,

No espaço exterior se me apresentem ,
Um drama enredem de impensado entrecho ,
Novas imagens criem , pensem , fallem ,
E discorram commigo ; e eu soffra , e eu chore ,
E real tudo ~~ca~~ ; e a final tudo
Uma pura illusão ! um sonho ! um nada !
Quem ás minhas idéas dêo tal vida ?
Quem lhes dêo tal poder ?

A Philosophia.

Foste tu mesmo.
Fugindo á natureza , entregue á mágoa
Pelos teus pensamentos agravada ;
Transcendentes mysterios perscrutando
Onde se perde e devanêa a mente ;
Por ti aguilhoada a phantasia
Nessas lucubraçoens soltou seus vôos.
Tu mesmo , no deliquio do teu corpo ,

Todas essas idéas concebeste,
E essa tua visão obra foi tua,
Como quando desperto um drama enredas.
Si és acordado conscio de que pensas,
E o transumpto distingues do modelo,
É que tens a teu lado a realidade,
Que aquilata a verdade, e o engano impede.
Real parece o sonho a quem o inventa,
E vesível no espaço se lhe finge,
Porque na escuridão, e no silencio,
Quando nada contrasta o pensamento,
Clara, sem distracção se ostenta a idéa.
Tal as imagens, que o pinsel traçára
Em lisa tela, em adequada estancia,
Ao exclusivo olhar, que alem não vaga,
Se resaltam, se avultam; quaes mais longe,
Quaes mais perto, e reaes se nos antolham.
Assim, para attingir mais clara a idéa,

Os olhos feixa o artista, e se recolhe,
E a interna concepção no espaço enxerga.

Eu.

Assim eu mesmo imaginei meu sonho ?
Testemunha fiel a consciencia,
Que aos actos todos do intellecto assiste,
Presente esteve ao voluntario invento ;
A memoria o archivou ; mas como eu mesmo
Unico auctor, ao meu trabalho attento,
Tão altas invençoens não me attribuo ?
Posso eu, por livre impulso, exercitando
Os actos todos das potencias d'alma,
Pensar, sentir, imaginar ? Lembrar-me
De tudo emfim, e só deixar no olvido
O permanente esforço da vontade,
Que a acção determinára, e a presidira ?
Esquecer-me de mim, e crer que vejo

Por estranho poder que a ver me obriga ?
Posso então perceber, sentir querendo,
Pela concentração dar corpo á idéa,
E olvidar, não saber que eu sou, eu mesmo,
Desse phantasiar o auctor occulto ?
E contra a consciencia hei-de affirmar-o ?
Ah si assim é, quem sabe si o sensível,
Que obra eu creio de Deos, é obra minha ?
Porque o não julgarei tambem um sonho ?
Vãos reflexos das minhas faculdades,
Que a propria consciencia o meio ignore,
Como não testemunha o interno esforço
Que impulso dêo ás creações da mente ?

A Philosophia.

D'alma as potencias á vontade servem,
E reunidas n'um ser mutuas se prestam
Como gêmeas irmãs, que amor ligara ;

Mas leis teem ellas , á vontade estranhas ,
Uma expontanea acção , e propria vida ,
Que por sí mesma se revela, ao toque
Que não a agera, e a penas a desperta.
Não como a corda pela mão tangida,
Que vibra , em quanto dura o dado impulso;
Mas como essa do campo erva mimosa,
Que mal o dedo a toca, e se retira ,
Pouco a pouco contrai-se , e umas sobre outras
As folhas dobra, e após por sí se expande.
Tal por virtude intrinseca, e leis proprias ,
Pensa, discorre, phantasia a mente.
Ora , pela impressão de externa causa,
Sente, percebe, e cré real o objecto
A cuja permanencia, e acção continua
Não é dado á vontade subtrahir-se ,
Como dado não é ao corpo inerte
Contrariar a lei, que o attraí , e o move.

Ora, pela vontade, que a dirige,
E a propria intelligencia o certifica,
Recolhe-se ella, e concentrada pensa,
E antigas percepções reavivando
Em quadros novos as combina e ordena;
Assim medita o sabio, e o vate inventa.
Ora, por leve toque, que lhe escapa,
Pelo abalo talvez de occulta fibra
Desse instrumento organico, que a serve,
E que a vida interior posera em moto;
No silencio do somno em que jazia,
Desperta a mente, a discorrer começa
Por expontea acção; e qual outr'ora,
Quando a instigava o volição, soia
Concentrada pensar, quasi sonhando,
Agora ao livre imaginar entregue,
Sem que nada a retenha, devanêa.
Tal seguro ginete, que enfreado

Magestoso se estrada , ao compo solto
Segue os instinctos , salta , e a esmo vaga.

Eu.

Como sei eu que assim delira a mente
Entregue ás suas leis , quando inspirada
Pelo divino archétypo se julga ?
Qual o quilate da verdade estranha ?
É o ginete para ás redeas feito ?
E os seus passos por ellas comedidos
Serão mais naturaes , e mais seguros
Que o solto caminhar , do instincto ao guia ?
Quantas verdades , que a impressão não dera ,
A' mente concentrada se revelam ?
Nem a impressão jamais dêo-nos verdades ,
Si no seu reflectir interno , occulto
Não as acha expontanea a intelligencia ,
Como infaliveis leis , connatas suas.

Antes eu creio que a verdade eterna
Seu transumpto estampou no intimo d'alma,
Onde ás vezes reluz inopinado
Nesse sonhar, ou delirar da mente;
Assim a enchente, revolvendo a terra,
Medalha antiga e preciosa exhuma,
Sobre a qual tantos pés envão passaram,
Até que á flor a erguesse o cataclysmo.

A Philosophia.

Qualquer que seja da verdade a origem,
Ou seja o fructo da pesquisa assidua
Do recto reflectir, ou expontanea,
Como inspirada pelo céo, nos venha;
Expurea ella não é, si outras verdades,
Que entre si conferindo se reforçam,
Com direitos iguaes a reconhecem,
E não a contradiz a experiencia.

Eu.

Mas si a verdade á experiencia excede ,
Commo os annuncios de um porvir remoto ,
Perde por isso da verdade o sello ?
Si ella, como o relampago , fulgura
Melhor na escuridão que á luz do dia ,
Deixa por isso de ser luz ? Si brilha ,
E fugaz se dissipa , por ventura
Não nos deixa tambem o sol em trevas ?

A Philosophia.

E quem sem luz se estrada em campos invios ?
Quem por ignotas regioens escuras
Ao lampejar que passa se confia ?
Na incerteza a rasão pára, e duvida.

Eu.

A Fé tambem é luz.

A Philosophia.

Mas não sciencia.

Não contesto essa luz, proficua ás vezes,
Si por ella a rasão não se escurece.
Ante uma causa Eterna a fronte inclino;
Mas eu busco a certeza por mim mesmo,
E á minha luz tambem a fé submetto.

Eu.

Graças te dou! Assim a fé me deixas!
Graças! O ser não negas ao possível!
Visão divina póde ser meu sonho!
Fica-me a fé, que ao céo me eleva a mente,
E la vejo meus páis, meus filhos vejo!

MYSTERIO VIII.



A FÉ.

MYSTERIO VIII.

A FÉ.

Expontaneo acordar da intelligencia !
Aurora da rasão ! Oh fé divina !
Tu não és inimiga da sciencia !

Ès a estrella do céo que a illumina ,
Quando já pela duvida cançada ,
Sem achar o que busca , a fronte inclina .

Quando, do sol na ausencia, sepultada
Na noite a terra fica, outro se accende
Calmo cirio dos homens na pousada.

Sempre uma luz das trevas nos defende;
Si falta a da sciencia reflectida,
Da fé directa a chamma a nós se estende.

Ella nos vem de Deos, fonte de vida,
Que nenhuma alma aqui mandou sem guia,
Longe dos olhos seus, vagar perdida.

Porque nesta de provas dura via
Regeitar orgulhoso essa luz pura,
Que da vida os mysterios alumia?

Si evidente a verdade não fulgura
A fé a suppre; assim mãe vigilante
O tenro filho pela mão segura.

Caminhar ella o deixa vacillante
Só para o exercitar; mas carinhosa,
Si o vê cair, o alça ao peito amante.

Oh doce fé! oh luz mysteriosa!
Tu me elevas a Deos! Por ti eu creio
Que minha alma será no céo ditosa.

Lá, na patria eternal, donde ella veio
Ganhar no mundo do martyrio a palma,
Irá viver, do mal sem mais receio.

La , p'ra sempre feliz , irá minha alma
Ver as almas dos filhos meus queridos,
Por quem chorando minha dor se acalma.

Lá, meus páis, meus irmãos nunca esquecidos,
Todos esses amigos por quem choro,
Por mim orando estão compadecidos.

Por ti , oh fé, a perda que deploro
Reparada será; por ti meu sonho
É a prelibação do bem que adoro.

Por ti o mundo tétrico e medonho
Exílio passageiro me parece,
Alem do qual o céu se abre risonho.

Chamma ardente da fé ! meu peito aquece ;
Mostra-me sempre os filhos meus amados
Vivendo nessa luz que não fallece.

Gratos sonhos do céo a mim baixados
Compensem da vigilia os amargores ;
Veja eu sonhando os filhos meus chorados.

Sonhe eu sempre co'os meus caros amores !
E tu, oh fé, os raios teus dardeja,
Da duvida fulmina os vãos temores ;
E beata por ti minha alma seja.

EPITAPHIOS

SOBRE AS CAMPAS DOS MEUS TRES FILHOS

DOMINGOS , LUIZ , E FLORIANO.

I.

Da gloria eterna na mansão sagrada
Em paz descança, oh filho meu querido!
Anjo, pede dos anjos na morada
Por teus páis que tão cedo te hão perdido.

NAPOLES.

II.

Um anjo Deos o fez tão bello e puro
Que deixal-o na terra não podia.
Mas ai dos páis a quem o golpe duro
Roubou as esperanças e a alegria

NAPOLES.

III.

Melhor estás no céo, donde baixaste
Para dar a teus páis fugaz ventura.
Ai de nós, Anjo meu, que nos deixaste
Chorando neste valle de amargura.

TURIM.

NOTAS.

¹ Infame raça de Saturno e Siva.

Saturno, o pai dos deoses, segundo a mythologia grega e latina, devorou seus proprios filhos. Como Moloch, idolo dos Phinicios e Carthaginezes, a quem sacrificavam victimas humanas, principalmente creanças, é uma allegoria do tempo, que tudo consume.

Siva, terceira pessoa da Tremurti indiatica, é o deos da destruição. Dão-lhe por esposa Bhavani, deosa da vingança, eujos adoradores, no dia da sua festa, se lançam e se deixam esmagar debaixo das rodas do carro que transporta a colossal imagem desse idolo.

² Torquemada, o primeiro inquisidor geral da Hespanha; organisou os tribunaes da Inquisição

nesse reino, e redigio o código uniforme para os inquisidores, que se promulgou em Sevilha em 1484.

Tão furibundo foi no exercício de suas funções que os Papas Sixto IV e Alexandre VI se julgaram obrigados a intervir para moderar-lhe a sanha. Por antonomasia da-se este nome a todos os inquisidores e agentes ferozes do tribunal de sangue.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).